

DEPOSITO LEGAL

**MARIA RITA**

SEMANARIO HUMORISTICO

ARRAÚJO LEITE  
CABRALHO BARROSA  
JOSÉ DE ARTIMANHA

Director: António e Supervisor: de Portugal  
OCTAVIO SERGIO

OCTAVIO SERGIO




# SOL NASCENTE



Um sol que nasceu para todos...

Propriedade da Empresa do Magazine «Civilização» L.ª

Redacção e Administração,  
Rua do Almada, 107-2.º  
Telefone, 1819 — PORTO

Composto e impresso na  
Imprensa Portuguesa,  
::: Rua Formosa, 116 :::

EDITOR:

E. COSTA MONTEIRO



Directores literários:

Arnaldo Leite, Carvalho Barboza e José de Artimanha

Director artístico e secretário da redacção:

Octávio Sérgio

Condições de assinatura:

*Continente e Ilhas*

Ano . . . . . 45\$00  
Semestre . . . . . 24\$00

*Colónias*

Ano . . . . . 50\$00  
Registado . . . . . 70\$00

*Estrangeiro*

Ano . . . . . 60\$00  
Registado . . . . . 100\$00

Número avulso 1 escudo

Anúncios: Preços convencionais

Damos hoje ainda o plano do Concurso do Natal e Ano Bom

## JOGO DO QUINO

acrescentando as seguintes bases: ao concorrente que começar na segunda semana, será atribuído um **duque**, o que, neste jogo, corresponde a dois pontos certos. E ao que começar na terceira, um **terno**, ou três pontos certos. Ao que começar na quarta será atribuída uma **quadra**, ou quatro pontos.

Todos eles, porém, terão de remeter os esquemas de todas as semanas. Desta forma toda a gente poderá concorrer, com todas as probabilidades de alcançar um prémio.

A MARIA RITA publicará a fotografia de um cartão vulgar, dos que se empregam no **JOGO DO QUINO**.

Como em todos os cartões desse jogo, haverá neste nosso, 15 números, que será necessário preencher no prazo de 5 semanas.

Semanalmente serão tiradas pela MARIA RITA 3 bolas, correspondentes a outros tantos números dos que estão no cartão. O controle será feito como todos os outros por um envelope devidamente lacrado e exposto na Agência de Publicações do sr. Manuel da Silva Braga, à Praça da Liberdade, do Pôrto.

O concorrente tem direito a marcar **semanalmente 4 (quatro)** números de seu palpito sobre o nosso cartão, que recortará, remetendo-o até à quinta-feira seguinte.

**Fica portanto com 8 palpites** a seu favor, visto que nas 5 semanas tem 20 palpites, contra 12 números em que deve acertar em virtude que os da última semana não será necessário adivinhá-los, pois, serão os últimos do cartão.

Os prémios serão distribuídos da seguinte maneira:

**1.º prémios** — Entre os concorrentes que consigam fazer uma **tumba**. (Isto é: encher completamente o cartão — 3 quinás).

**2.º prémios** — Entre aqueles que consigam fazer duas quinás e um terno.

**3.º prémios** — Entre aqueles que só alcançarem duas quinás.

**4.º prémios** — Entre aqueles que só alcançarem uma quina.

### E SERÃO OS SEGUINTES:

**2 primeiros prémios** de 500\$00 esc. cada.  
**2 primeiros prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**2 segundos prémios** de 100\$90 esc. cada.  
**2 segundos prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**2 terceiros prémios** de 50\$00 esc. cada.  
**10 terceiros prémios** do mesmo valor representados por objectos oferecidos.

**100 quartos prémios** representados por dinheiro ou objectos oferecidos num valor nunca inferior a 10\$00 esc.

Dos objectos oferecidos podemos desde já dar a seguinte lista:

**1 magnífico corte de fazenda para fato** oferecido pelo grande amigo da MARIA RITA, sr. José do Sul.

**1 grafonola e 6 discos**, oferta gentil da casa acreditadíssima do sr. Ricardo Lemos.

**6 pares de ligas para senhora**, em seda, oferecidas para o nosso concurso pelo célebre Pinto Camiseiro.

**1 dúzia de caixas do conhecido Pó de Arroz Belkiss**, oferta do seu representante sr. A. J. de Almeida.

**25 latas de conserva especial**, que nos ofereceu a grande fábrica de conservas de Matozinhos A «Continental».

**1 colecção de latas para despensa**, esplêndido presente para uma dona de casa, que devemos à gentileza do sr. J. Vieira Coelho.

**1 peça dos célebres cotins «Campo do Cirne»**, que o sr. Sebastião Ferreira Mendes nos mandou.

**1 caixa de Pôrto Velho marca «Aidinha»**, oferecida pela casa exportadora de Manuel Augusto Baptista, L.ª

**1 dúzia dos sabonetes afamados mundialmente «Flor del Campo»**, que o seu agente nesta cidade, sr. Carlos Teixeira Figueiroa, nos ofereceu.

**1 colecção de chocolates**, fabrico esmerado da grande fábrica «Celeste», do sr. Manuel C. Pais.

E a bicha seguirá porque a MARIA RITA é alguém na nossa terra.



# Factos e prestações

## Crónica anacrónica

Em Viena de Austria acaba de instaurar-se um processo judiciário curioso: certa senhora, operada de não sei que afecção ginecológica, continuou a sofrer tanto como anteriormente, se não mais. Houve que tornar a abrir aquilo. E praticada a abertura, encontrou-se lá dentro... nada menos que um lenço de assoar.

Mas um lenço de dimensões invulgares: vinte-e-quatro polegadas de comprimento por vinte de largura. Tenho visto bandeiras, a flutuar nos topos dos navios, muito mais pequenas.

Acusado de desleixo profissional, o operador sacudiu a água... do lenço, afirmando que, se descuido houve, o deveriam atribuir ao seu ajudante. Por seu lado, este defende-se a pés juntos, asseverando que nunca usou lenço. Quando sente humedecida a pituitária, liberta-se da incómoda mucosidade, a exemplo dos chineses e dos camponeses lusitanos, assoando-se aos dedos.

Será assim? Não será? Quanto a mim, o primeiro acto a praticar por parte da justiça seria enviar o lenço ao instituto de medicina legal, a-fim-de nele serem procuradas as impressões... nasais. Também o perfume usado pelos dois médicos agora litigantes poderia servir de guia. Mas é de crer que já se encontre muito apagado, após tão longa permanência no abdómen da paciente.

E se se procedesse a investigações atinentes a saber qual dos dois clínicos toma rapé? Porque um lenço de tão avultadas proporções só pode ser tabaqueiro. Salvo se o seu portador se encontrasse, no momento da operação, tão furiosamente endefluxado que necessitasse de um lençol para esvaziar as fossas nasais.

Como quer que seja, a verdade é que estamos em frente de um caso clínico absolutamente inédito. Já tem acontecido, em intervenções similares, esquecerem-se no ventre das pobres operadas pinças, esponjas, tiras de gaze, agulhas, bisturis, e até as lunetas dos operadores. De alguns cirurgiões sei eu, que, por imperdoável desmazêlo, teem lá deixado as próprias fotografias. Mas um lenço! Se estivesse a chover, o desastrado era capaz de ter metido lá dentro... as galochas e o guarda-chuva!

E quem sabe, afinal, aquilo de que se teria esquecido, agora, o segundo operador? Pelo sim, pelo não, era me-

lhor que, a exemplo dos outros, em vez de coserem a ferida a pontos naturais, lhe tivessem pôsto... uma abotoadura. Não vá o diabo armar em tendeiro, e ser preciso tornar lá para extrair... as luvas do operador ou a carteira dos ferros!

Em Washington, ergueu-se na tribuna destinada ao público um indivíduo desconhecido que, apontando um revólver na direcção dos deputados, bradou em voz de estentor:

— Peço a palavra!

Deitou toda a gente a fugir, menos a força militar, que rodeou o homem e o desarmou, arrancando-lhe a arma, carregada com sete balas enormes.

Coitado do zaragateiro! Foi um momento de alucinação. O pobre diabo imaginou que estava no parlamento espanhol, e resolveu apresentar aqueles argumentos... de pêso.

Nas imediações da câmara dos deputados francesa deram-se tumultos de gravidade. Nada menos de cinquenta mil pessoas amotinadas, a pedir ao governo que não pague a sua prestação anual aos Estados-Unidos.

Mr. Herriot, presidente do conselho de ministros, insiste em satisfazer o compromisso, fiado em que "quem paga o que deve, sabe o que lhe fica". E' da sabedoria das nações. Mas o povo repona, aduzindo o argumento de que, não pagando a Alemanha coisa alguma à França, se a França pagar tudo aos Estados-Unidos ficará sem um centimo.

Também é da sabedoria das nações: "de onde se tira e onde se não põe...".

O grande caso é que a polícia carregou a valer sobre os manifestantes, prendendo nada menos de mil pessoas. E ainda há quem afirme que já acabaram as prisões por dívidas!

Ainda por dívidas:

Foi enviado ao tribunal um guarda-soleiro porque, tendo-se-lhe apresentado um alfaiate a pedir o pagamento

de uma conta, em vez de satisfazer o débito, lhe partiu um guarda-sol nas costas.

E' o cúmulo da indelicadeza. Nunca se deve tratar os credores assim. Eu conheci um homem que os recebia sempre com a máxima gentileza. Era domador de feras. E quando um seu credor aparecia no circo, metia-se na jaula dos tigres e dizia para o visitante:

— O' meu prezado amigo! Que agradável surpresa! Tenha a bondade de entrar!

Marcial JORDÃO.

## Ecos... do "Ecos"

Onagro ornejou!

*O valente Damião  
Resolveu descer à liça!  
Levantou as mãos do chão,  
Agarrou a pá do forno  
E correu à redacção  
(Queiram ler: «cavalaria»).*  
Pôs na cabeça um adorno  
— Um adorno burrinal,  
Que deixa fora as orelhas;—  
Coçou com fúria as gadelhas,  
E rabiscou p'ra o jornal  
Que vê a luz em Cacia,  
Contra os homens da MARIA,  
Um eco fenomenal,  
Que à distância de uma légua  
Cheira a prosa burrinal,  
Ou prosa de filho de... égua.

*Todos ficamos à brocha,  
Sem saber que responder...  
O Damião não é troxa!  
O Marques sabe escrever!*

*A RITA ficou estática  
Com aquela dialética...  
De parte pôs a gramática,  
Que é, afinal, coisa asndtica,  
E já deve estar caquética!*

*Damião: quer's um conselho?  
— Não saias da padaria...  
Bôca fechada, meu velho;  
Sabes?... Por causa das môscas.  
Deixa o Ecos de Cacia,  
Agarra-te à amassadeira,  
A' pá do forno, à penetra,  
E entretem-te a fazer... rôscas! (1)*

BISNAU.

(1) Uns pãezinhos a que actualmente chamam cacetes.

## Balancete da semana

Este volúvel tempo, que não logra  
amostrar aos mortais  
senão um rosto de crêdor ou sogra,  
tem feito tropelias colossais.  
Subiu o Douro acima da estiagem  
cêrca de uns oito metros. Que pavor!  
Tôda a navegação, interceptada.  
E conserva-se a barra mais fechada  
do que a bôca de um padre-confessor.  
Mondego e Tejo vão de monte a monte.  
Do vendaval o látêgo inclemente  
afugentou o carro de Fêtonte.  
E plúmbea, negra, a linha do horizonte  
indica chuva, interminavelmente.  
Claro, há inundações... Vejam Lisboa.  
A água, por lá, é semeada à toa.  
Ninguém tem um minuto de sossêgo.  
Inundações que até causam risota:  
no Regueirão dos Anjos e no Rêgo,  
bêco da Barbadela e Porcalhota...  
Que demônio de sítios escolheu  
a água, visitando os portugueses!  
Ficou tudo lavado, julgo eu.

.....  
Há temporais higiénicos, às vezes...

\*

\* \*

Foi no cais de Monchique, junto ao Douro.  
O "auto" 7, 3, 8, 9, N.  
partiu um chifre a um boi, ficando indene  
todo o restante corpanzil do touro;  
mas o veterinário, ultrasolene,  
mandou-o abater no Matadouro.  
Pobre do boi! Que morte veio a ter!  
São infelizes certos animais.  
Que se importava êle de viver  
co'um chifre a menos, ou co'um chifre a mais!

\*

\* \*

Leio, de Guimarães numa correspondência,  
a seguinte notícia em poucas linhas:  
"Este ano, teve larga concorrência  
o célebre arraial das passarinhas."  
Não sei bem o que seja êste arraial,  
mas creio que será de-certo igual  
às festas do S. João, ou similar:  
com lampiões de sêda ou de papel,  
cascatas a granel,  
e algum fôgo do ar...

### As mulheres estilizadas

Tôdas as mulheres suspiram por emagrecer. O tipo-padrão das elegantes de hoje, é a mulher-galgo, a mulher-espinafre, a mulher-saca-rôlhas, ou a portuguesa, a mulher-cabo de vassoira.

Se não se compreende uma donzela da moda com abundância de enxúndias, muito menos isso se admite nas famosas "stars" ou "vamps" de Hollywood, inventoras dos célebres beijos com colatudo.

Para que as adiposidades das vedetas da pantalha não se desenvolvam e deformem os seus corpos esqueléticos, as reclamadas foto-fonogénicas submetem-se a um rigoroso regímen, sacrificando a gula e o paladar a uma quási abstinência, segundo informa um jornal de Berlim.

### O que comem as estrêlas de Hollywood

O periódico alemão descreve da seguinte maneira algumas das ementas que, diáriamente, as simpáticas mancebas chamam ao estreito:

— *Um almôço: uma laranja, um ôvo cozido, seis rodelas de pepino e três torradas.*

— *Outro almôço: uma pequena quantidade de queijo, três torradas, oito rodelas de pepino e um tomate.*

Como os nossos leitores estão vendo, as famosas vedetas para emagrecer atiram-se ao pepino, às torradas, ao queijo e aos tomates.

Nós não acreditávamos se não viesse a transcrição no *Diário de Notícias* que, como se sabe, é um jornal com fôlha corrida e que recolhe cedo a casa.

Para as mulheres ficarem magras e elegantes, ser preciso fazerem uma alimentação daquelas, — é para admirar.

Dantes, menina que comesse daquilo, em vez de emagrecer, engordava!

### Mulheres... e pêras

Os jornais publicaram a fotografia de duas artistas que actualmente trabalham em Barcelona, medindo, qualquer delas, assim a modos de 2 metros e pico de altura.

Já é, camaradinhas!

A gente olha para um exemplar dêstes, esquece-se do sexo elegante e, mesmo sem querer, lembra-se dum guarda republicano a cavalo, com espada, esporas e tudo!

Há quem não goste de mulheres assim tão altas.

Nós gostamos. Preferimos as compridas às curtas, porque são mais raras.

Curtas andam para aí aos pontapés

Caros mecês:

Esteje bons e mais tôda as sua famia, que as minha ao fazê di esta vai boas, graças à deus com letra piquena, qui com as crise qui insoberba os mundo e o Brasília, a gente não podi gasta muita tinta, não...

Por aqui tudo dêcorre nàs mais perfeita tranquillidade e hârmônias...

Pápagaio já não fala, as cabra não dá lête, cávalo mórreu, a sinhásinha fâlêceu, minino onça comeu, Tio Manduca Deus lêvou, bânanas não há, cápinsais árdeu, caféseiro secou, mámoero Brazabu pártiu, seu Belarmino está ná geládera, Maricota pártiu ambas as perninha, Dona Julia cêgou dos dois oio, mas felizmente tudo dêcorre nas perfêta tranquillidade e diz seu Gêtulo qui âgora sí vai restaurar-se á nossa quêrida Patria Brasília, Amen Jazu Maria José.

A's hora di mecês rêcêbê estas minhas lêtra devi ter chêgado nessas terra di Portugá os inrevolucionaro paulistas, qui tairvez por sê paulistas lêvou com o pau di seu Gêtulo safádo...

Caros mecês: mecês arriceba os inrevolucio-

naros como verdádêro irmão di sangue qui todos nois, portugueses e brásilêro, somo di náscença e não faça caso das bêstêra di nátvista sim vêrgonha, porque português e brásilêro há muito e Antônios Torres mulato ha só um...

Mecês é mêmo um pôvo grande, gênêroso e bom e há de arrecêbê os teus irmão com as alma à dà e dà como os inrêlojo dêspêrtadó, não é?

Por hoje, arrêcebam mecês, dois grandi abraço di êste vosso inquironista p'ra tôda a vida,

Dr. JACARANDÁ.

P. S. — Rêcomenda nóvamente ao pessoá di às intipografia qui tome cuidado com as graia...



?



**O soldado** — «Bocê, chegue mas é as cantarinhas de leite p'ra lá, que já tenho as calças tôdas molhadas; antes de entrar na bicha, devia limpar as bilhas...» — (continuam a agredir-se por palavras). Entretanto, o sujeito de idade, que queria ir também para o Luso, diz, na bilheteira, com uma grande pose:

— P'ra mim, *idem*. — (a funcionária dá-lhe o bilhete e êle vai-se).

**A empregada** (para o soldado) — E o senhor? *Idem*?

**O soldado** — Ná, senhora... *Tãmem* vou p'rô *Lúcio*; mas tenho que voltar... Dê-me um de *idem-e-volta*!...

ROVIALMELO.

## TELHA VÃ

### Na bilheteira

Não sei bem porquê (nem só a Santíssima Trindade é *mistério*...) quando se fala de *bilheteira*, sem mais descrições, nunca nos vem à ideia o postigo duma praça de touros ou o *guichet* duma casa de espectáculos, mas sim e sempre a frincha duma estação de caminho de ferro, onde uma empregada biliosa e mal avontadada *atende*, ainda que sem *atenções* de qualquer gênero, uma «bicha» coleante de viventes que querem viajar. Portanto, à «bicha» de leitores que se comprimam ante o *guichet* desta secção, escuso de vincar que a cena descrita a seguir se desenrolou no palco avantajado da estação do Rocio, em face duma bilheteira, de terceira classe, por sinal.

No corpo da «bicha», já próximo de serem atendidos, uma velhota implicante e furona, um sujeito de idade, de fraque, tipo de 3.º oficial aposentado, uma leiteira com as competentes e chocalhantes bilhas e «medidas» do leite, e um soldado alvar e lorpa.

**O sujeito de idade** (vendo que a velha, que estava atrás dêle lhe passou adiante! — «Pst, ó minha senhora! Olhe que, aqui, cada um é servido pela sua ordem; eu ia à frente da senhora...»)

**A velha** (refilona) — «Pois então, se ia à frente, tivesse unhas para guardar o lugar! Isto, na «bicha», sempre foi assim; quem diante está, nem sempre diante se aquece, a-pesar-do que diz o ditado...» — (a discussão continuaria neste teor se, entretanto, a velha não fôsse atendida pela empregada, a quem pediu um bilhete para o Luso).

**A leiteira** (para o *magala*, que conseguiu tirar-lhe o lugar) — «Ouça lá, ó seu *galucho*: então que moda é esta de passar à frente de cada um?»

## Posta restante

**Bisnau** — Pelo contrário. Muiíssimo gratos A própria secção das Peças e Fitas, também não acabou.

**Rei dos Nabos** — Chegou tudo. Obrigado. Infelizmente para si, aqueles a quem dirige o apêlo raríssimas vezes por cá veem. Nós bem conhecemos o entranhado afecto de que fala. Passe por cá uma tarde (6 1/2 para às 7) e pode ser que os seus desejos sejam satisfeitos.

**Fa-Kada** — Já cá tinhamos outra do mesmo teor. E a primeira tem prioridade.

**Monteiro II** — Aquela do Anastácio, já foi publicada na MARIA RITA. Tenha paciência.

**Mulher morena e com um sinalzinho na cara, encanta o homem por mais prevenido que êle esteja contra a praga do amor.**

Caro leitor, vê lá tu:  
Inda que muito t'espantes,  
O meu amigo Kang'ru  
Parece mesmo um Abrantes.

# Aguias & Cágados

—Máximos e mínimos de Portugal—

VII

GAGO COUTINHO



*Desta vez é Aguia!*  
*Agua real, de envergadura. Já subiu muitas vezes ao céu, mas, felizmente,*  
*não se sentou nem à direita nem à esquerda de Deus Padre...*  
*Homem de ciência, português de lei, recusou terminantemente ser Presi-*  
*dente de uma república de malucos.*  
*Foi pena.*  
*Talvez que o astrolábio indicasse o bom caminho.*

## Pôsto Médico

Dr. Afonso Costa

A famosa Entrevista que veio no *Diário de Notícias* feita em Paris por um seu redactor sobre o Dr. Afonso Costa, sugere considerações para neste relato se darem aos leitores... Quanto à política que devia ser arte de governar os povos, a MARIA RITA não quer saber, nem se importa, nem é do seu sistema! Isso são *coisas* superiores à sua acção, e elevadas concepções longe do alcance de seus olhinhos brejeiros. MARIA RITA, quando alguém a inquirir sobre esse assunto, põe-se de lado, muda de conversa, apresenta logo a consideração do seu velho pai *Charivari* que Deus tem, e da mãe *Paródia*, onde o nunca esquecido Rafael a desenhou como uma Grande *Porca*.

A MARIA RITA ao ouvir ler essa peça de conversa, feita por um jornalista de sensação, lá na Cidade-da-Luz onde o grande Exilado voluntário, há quinze anos vive e trabalha, longe deste país onde tantas paixões desencadeou, pró e contra; estes em demasia de entusiasmo; aqueles em excesso de louvor, até ao paroxismo de lhe fazerem uma estátua de prata! O Dr. Afonso Costa estadista, mostra-se com vontade de voltar a governar a nação, da qual, durante quinze anos de domínio, não pôde fazer a felicidade; pela luta desencadeada destes contra aqueles portugueses... Não é, porém, para essa modalidade que neste Pôsto

Médico se vai tratar, pois tais comentários ficam para as referências dos que vivem da política e para a *política*, vício retrospectivo e aliciante que fere e enlaça, deturpando a verdade e dando-lhe miragens, ao sabor de cada qual. Septicismo? Porque não! Dúvida? Também! O médico tem assim de aquilatar a política como uma doença ruim e maléfica, uma espécie de cancro que corrói quem a tal se devota... Demais, o público não passa de vil *materia colectável* quando foi dito e redito da tribuna dos comícios: *O povo não pode nem deve pagar mais impostos...* Pois, vai além de dois milhões de contos o que se entrega ao erário público todos os anos! O Dr. Afonso Costa expande-se, na segunda parte da divulgada Entrevista que correu todo o país, exaltando os adeptos e acirrando os contrários, a galvanizar a paz que se sente entre nós, quando o mundo se agita, convulso, em vésperas de nova Guerra...

Há na Revista «O Mexilhão» (onde o génio gaiato de Beatriz Costa explende e se move e Amarante sublinha e vive sua graça e chiste) uma personagem original que *concorda* sempre com quem fala e a todos os paladares de opiniões e de conceitos se acomoda. Pois, não errar quem assim fizer; porque as vidas são curtas e só a MARIA RITA faz rir e nos alegra, com seus motes e glosas e seus ditos de sorriso sem acrimónia, francos e leais. Pois, o Dr. Afonso Costa não janta. Come caldo-de-legumes, anda a pé, faz ginástica respiratória e assim procura conservar a saúde pelo sistema natural. É uma verdadeira Reforma que está operando em si, para seu luzimento vital e sua actividade manter, liberto das intoxicações internas e externas e sem estimulantes da alimen-

tação usual da humanidade. Gandhi, o *mahatma* indio, sóbrio e simples, pôs em foco a prepotência britânica e abalou-a até. Os eremitas, de todos os tempos, suplantam por sua moral e sinceridade os que persistem nos erros dos artificios... Não jantar é praticar o jejum consciente e fortalecedora medida para quem quer «vencer». As células orgânicas desporvidas do afluxo de materiais demasiadamente reconstituintes, durante anos e anos de incontinência, como que fazem refinar e manter a força enorme da *vontade*. Demais, o jejum mesmo parcialista (feito como processo de cura), é, especialmente quando há necessidade de estimular, pela carência, a queima de reservas que existem a perturbar as funções vitais. Quem (depois da meia-idade, quando os cabelos se polvilham de prata e se é Avô de fortes e graciosos netos) não pratica algum jejum, reduzindo a ração diária, chama a morte infalível mais de-pressa... O caldo de legumes é um antitóxico precioso. Da horta nos vem a saúde e o remédio natural para todos os nossos achaques. Os agriões que são laxativos; as batatas alcalinizantes; as couves fortalecedoras; as cenouras reavigoradoras do sangue e as cebolas desinfectantes... E o bom do azeite, a olear todo esse conjunto vicioso e higiénico. O caldo-verde, então, chega a ser o talismã de saúde porque, opera a diurese o desonera os intestinos. A MARIA RITA é que o usa de manhã e à noite em vez do negro café que excita e vem de fora; quando as couves estão na horta e as batatinhas esmagadas que se lhe ministram, dão-lhe a justa proporcionalidade de sais nutritivos tão ricos. O ilustre *proscrito* pratica a ginástica respiratória, segundo os métodos próprios, o que produz vantagens desconhecidas dos que não sabem dilatar bem os pulmões e regenerá-los por meio da entrada do grande alimento que é o ar, nos alvéolos dos pulmões. Para esse fim há sistemas muito em voga, quasi todos oriundos da Índia.

Mais: o notável jurisconsulto também faz com método o pedestrianismo conveniente, que fortalece e restaura e anima todas as funções. De forma que com a hygiene usada, os anos passarão, o mundo dará muita volta e teremos Homem...

Dr. RACLIMA.

## Coisa esquisita

A propósito do anúncio junto, publicado no *Diário de Notícias* de 16 de Novembro findo:

«Luar

MORRESTE?... Escrevo hoje.»

R. I. P.

*Mas que coisa tão esquisita*  
*Acabo de ler agora*  
*E toda a gente ignora*  
*Morre o luar! Que desdita!...*

*Corre o brado foz em fora,*  
*Em carpideira afilta*  
*E chega à MARIA RITA*  
*De-certo a oitenta à hora.*

*Porém o que é d'estrannhar,*  
*E o que vou perguntar*  
*Rápido, que o tempo foge,*

*E' isto: Morre o luar,*  
*E' mui triste, é p'ra chorar,*  
*Mas p'ra que lhe escreve êle hoje?*

Rei LOURO.

# DESCANSO SEMANAL

## MANTA DE FARRAPOS

onde se farão comentários a tudo que o mereça

Caros leitores:

Há oito dias precisos que não podemos pregar olho. Chegámos a chamar um carpinteiro distinto, mas nem assim. Os nossos olhos continuavam abertos pela tal voz da consciência que manda em nós sobre todas as coisas.

Sentimos que ao redor de nós esvoaça a sombra negra do remorso; e o arrependimento é um facto incontestável. Remorso, por ter atacado brusca e impetivamente o jornal do Damião Cacia. Arrependimento, por ter sovado valentemente quem não tem culpas no cartório.

Porque a verdade é que o *Ecos de Cacia* é um jornal bem feito. O seu português é comparável apenas ao do P.<sup>o</sup> António Vieira, ou ao do *Comércio do Porto*. Os seus escritos são profundos como os olhos das mulheres da sua terra. Os seus ensinamentos são puríssimos; e as gralhas, se as tem, são donairosois faísões que esvoaçam no opulentíssimo parque do Damião.

Provas!... berrarão os nossos leitores, já habituados a ver nesse jornal uma cabazada de asneiras em cada linha, e o direito a uma condenação em cada número. Venham razões!... Dirão outros, que tem o *Ecos de Cacia* como o melhor desopilante.

E nós diremos, muito simplesmente: elas aí estão. Pelos escritos abaixo, ver-se-á claramente que a fôlha caída do «Loureiro» (Quintã) é uma fôlha mais do que perfeita.

### Por Ovar

Atrasada

Como havíamos já anunciado realizou-se a Romaria da Senhora das Necessidades em Nadaís, muito concorrida e com grandes divertimentos.

Da nosso vila e arredores foi muita gente, e organizaram-se diversos ranchos, dos quais sobressaíu o da Ponte Nova e os seus cantares foram muito apreciados, pois eram originaes do sr. Dolmar Marques, e pela primeira vez cantado. O rancho que era composto de um numero muito elevado de elegantes tricanas, e rapazes folhões, teve, a caracterizalo a harmonia com que todas as brincadeiras foram coroadas.

Felicitemos todos os componentes, cujos nomes não mencionamos por ocupar muito espaço.

Como notaram, não há aqui nem um erro, nem a falta duma vírgula. É uma perfeição.

Outra noticia, que pela sua elevação deve ser transcrita:

### Comunhão das crianças em Cacia

Como de costume, organizou-se na Capêla de S.<sup>o</sup> Antonio do Rego, o ajuntamento de todas as crianças que deveriam comungar, saindo d'all em procissão para a Igreja, acompanhando-as não só da banda da Musica, como de suas familias, e muito povo que se fez incorporar na mesma.

Uma vez chegada ao seu destino, ali ouve como é da praxe, uma prática por um destino orador que segundo nos informam, é dos lados do Porto.

Em seguida teve lugar a comunhão de todas as crianças, seguindo-se a missa solène, que depois desta sahio uma linda procissão que percorreu as Ruas de Sarrazola, do costume.

Há que dizer?... Não há, pois não? Isto é uma beleza de paisagem!...

Amaldiçoada seja para todo o sempre a criatura, que, sem razão, disse mal do *Ecos de Cacia*. Vejam esta correctissima linguagem:

### A Roubalheira em Cacia

Ralham as comadres, descubrem-se as verdade.

Nos fins da semana p. p. foram chamadas Aveiro, ao Comissariado de Policia, as srs.<sup>as</sup> Joana Barra, Rosa Picota, Maria Padeira, e Luiza Felix, as quais ficaram detidas.

Ao que nos dizem só agora é que foi descoberto as grandes patifarias, não só em roubos, como em desmanchos de barrigas, que de á muito se veem praticando aqui em Cacia.

E há algumas barrigas que não foram desmanchadas, que pena!

Como por mais d'uma vez já aqui o dissemos, ultimamente tem-se feito diversos roubos, não só dentro de casas, como nos batatais sem que até certa altura algum apresenta-se a sua queixa onde de direito havia de apresentar.

Porém, sôrde o roubo da sr.<sup>a</sup> Luiza Felix, e o nosso jornal fez o relato, citando as autoras do roubo, vindo até á nossa Redacção uma delás disser-nos estar inocente, roubo esse que foi encontrado pelo tio da roubada Francisco Rodrigues da Costa, a ser empenhado em Aveiro n'uma casa de penhores; sem que o mesmo, passando pela Esquadra de Policia, as manda-se prender, disendo-nos algum que ainda por cima trouxe uma d'elas na sua biciclete, roubo este, que foi instigado por uma outra casada, que até á hora que escrevemos, ainda não foi incomodada.

Mas os dignos agentes a quem o caso foi entregue, não se tem descuidado, para assim porem a cláro todas as patifarias ultimamente praticadas em Cacia, taes como roubos, e desmanchos de barrigas etc.

Porque se não chamam a prestar declarações todas as encobrideiras, e encobridores d'estes casos, os taes que á meia noite vão batêr a porta do S. Bartolomeu?

*Faça-se justiça, para assim nos vermos livres da praga que ultimamente arrolou a Cacia.*

Mais correcto do que isto não conhecemos.

O comentário merecido seria uma louvaminha àquelas criaturas que desmancham uma barriga com a mesma facilidade com que desmancham uma casa. Mas para quê? Assim, na sua nudez verdadeira, a prosa não perde aquele sabor vernáculo que a há-de tornar mais que imortal.

E acabamos por transcrever essa noticia abaixo, certos de que V. Ex.<sup>as</sup> de hoje em diante farão como nós: curtirão eternamente o acerbo desgosto de ter julgado mal dum semanário probo, onde o director é um catedrático de rôsca e os redactores uns bijous.

### Agressão Cobarde

Uma emboscada

Como largamente relatamos, mãos criminosas servindo-se não só da noite, como de uma emboscada, e tendo como armas para a sua nefasta cobardia, um pau de marmelo e um cabo de machado, esperaram traiçoeiramente o proprietario sr. Silvestre Gonçalves Faria; que, como dissemos recebeu cobardemente quando se dirijta para sua casa vindo de falar com o grande industrial sr. Manuel Lourenço, umas valôntes «pauladas» que fôram dadas pelo Manuel da Silva, e por sua mulher Tomázia de Matos, que se retrahia á nefasta espéra, mas como esta fôse ameaçada pelo seu homem de que seria abandonada pelo mesmo se o não acompanhasse n'essa missão; esta vindo que não podia resistir aos intentos bruscos de seu homem, de quem já tinha recebido alguns dissabores, resolveu acompanhá-lo na sua nefasta cobardia. Atirando com a sua vitim para uma cama, onde se encontra sem que as suas melhoras se façam sentir, estando o seu estado a inspirar certos cuidados pelo grande Xuço que recebeu nas costéias, indo estas ofender-lhe o plumão; sem que até á data os autores da traiçoeira aggressão tenham sido encomodados, a não ser umas pequenas perguntas, para que foram chamados a Aveiro.

Porque será que ainda andam á solta os autôres de uma tão nefasta aggressão, que no diser de algum será natural que não possa ser vencida?

Porque será que sendo os autores de tão monstro atentado chamados Aveiro, apenas se limitaram as perguntas da praxe?

Providencias! Providencias!  
Providencias, continuamos a pedir já que é essa a nossa missão para que se não faça demorar um exame medico á victima de tão nefasta cobardia, em virtude do seu estado inspirar certos cuidados, a-pesar-dos grandes cuidados do seu medico assistente Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Tomaz d'Aquino.

História de um homem de letras

(Aos que buscam os tesouros do Mundo. Aos mártires que pelejam pela glória carreira das letras pátrias. As vítimas irra!! cionais dos «Ecos de Cacia»).

Pindaro Perfeito viu a luz deste mundo (que por sinal era uma luz eléctrica), numa quadra em que mal cabia o verso da sua mãe. Desde muito pequeno, começou a demonstrar extra-ordinárias aptidões poéticas, estéticas e patéticas e outras éticas que tais, mexendo perfeitamente o verso, tanto em redondilhas, como em endecas, como em versos cruzados. Também gostava muito de Alexandrinos. Não obstante, porém, aliás, não nra daqui o leitor conspicio que o nosso rapaz se entregou redondamente a estas modalidades literárias. Não! — éle tinha aspirações — legítimas aspirações! — e a prova disso é que não descansou enquanto não lhe deram um lugarzinho de aspirante. Mas isto foi mais tarde, porque, até à adolescência, Pindaro Perfeito só aspirou a burlar o verso. A mãe, um dia, até lhe comprou um aspirador.

Ora o jornal em que o Pindaro colaborava, espécie de *Ecos de Cacia* no domicílio, dava-lhe, apenas, cinco tostões por cada locubração poética com que o illustre mancebo abrilhantasse as letras pátrias. Onde se conclui que Pindaro Perfeito era um pindérico, grande qualidade, aliás, que sempre acompanhou os poetas nacionais. Eis um pálido fulgor da sua musa:

*Saúde é sonho etéreo da madrugada,  
Oh! sim, é sonho da madrugada cêrula!  
Ela dol muito, dol, porém eu quero-la,  
— Deixai falar a multidão malvada.*

(Do poema *Saúde*).

Gostaram, não é verdade? Por cinco escudos...

Ora publicava-se aquilo numa terreola das Costas do Sol, e a folha tinha o nome de *Ecos das Costas*. É claro, em muitos pontos as Costas mudam de nome: há o Estoril, etc., etc. Não vem ao caso, nem à baila, o cujo ponto. O certo é que Pindaro desempenhou tão bem a sua secção poética, que, a breve trecho, o redactor principal, notando a veia do rapaz, deu-lhe o artigo de fundo dos *Ecos das Costas*, e aumentou-lhe a verba visto que o verbo também crescera. Ficou, sem perceber como, a perceber trinta escuditos semanais. E assim que saíram os primeiros fundos nos *Ecos* — oh paradoxo! — entraram mais fundos na algibeira do Pindaro. E bem precisava, porque em verdade, em verdade vos digo que o que éle estava a pedir era fundo novo.

Mas ai! — as aspirações de Pindaro, eram cada vez mais avantajadas, elevadas... de seiscentos diabos! E tanto parafulos, tanto e tanto esforço dispendeu no sentido de extrair profícua ideia do cérebro laborioso, que, um dia, Pindaro Perfeito resolveu a incógnita da sua, perfeitamente, pindérica situação.

...E um dia, o pobre rapaz pôs em prática a pior asneira que um bipede humano pode fazer em Portugal: botar a este mundo um livro de versos, ainda por cima confeccionados em sonetos.

Apelidava-se o livro: *Olho da Providência*, e constava de sonetos místicos e psíquicos, e outras barbaridades semelhantes, com o mínimo de quatorze versos, rigorosamente medidos... a fita métrica. As rimas eram tôdas do género «difíceis» como abaixo se constatará por um dos sonetos que esmaltavam o formoso livro:

CARIDADE

*A caridade é uma dama evangélica  
Que dá tudo o que tem aos filhos da miséria...  
O' bela dama como eu admiro a leria  
Com que eles vão fundindo a indiferença gética!*

*A cidade é uma ruína babelica  
Onde se perde a criatura séria,  
E o faminto, que sofre à luz sédria,  
Que era sem ti, ó meiga dama angélica?*

Seguiam-se dois tercetos, um dos quais, por sinal, era quarteto, mas o Pindaro arranjou tudo devidamente, porque, devendo ter cada verso dez sílabas... aproximadamente, em vez de dividir as 30 pelos 3 versos, foi mais original, — e meteu sete sílabas e meia em cada verso do referido quarteto. Queiram V. Ex.ªs conferir e reparem que dá as 30 na mesma...

Mas Portugal é um país de ingratos, onde só triunfam as modas da França. — e o Pindarozinho não vendeu mais que 3 exemplares da obra: um por engano, outro oferecido por um genro amável no dia de anos de sua boníssima sogra, e outro por receita médica a um desgraçado que não dormia havia já duas semanas.

Donde se concluiu que:

1.º — Lançado a público o *Olho da Providência*, luxuosamente encadernado e módicamente custoso, ninguém lhe tocou, conquanto a secção literária dos *Ecos das Costas* afirmasse que o dito *Olho* honrava as «letras pátrias, tão desprezadas desde as tentativas poéticas do Sr. Luis Vaz de Camões. Dêste livro se pode afirmar o que disse aquele senhor:

*Cesse tudo o que a antiga música canta,  
Que outro valor mais alto se levanta.*

Recomendamos aos nossos leitores que apreciam a boa literatura... etc., etc.

2.º — Desiludido Pindaro Perfeito, perfeitamente desiluso, só não recolheu à vida monástica porque, enfim, não era mono nenhum, mas aspirou a um lugarzinho igualmente sossegado e recolhido, onde pudesse abandonar o verso, e o *Olho da Providência*, e os fundos dos *Ecos das Costas*.

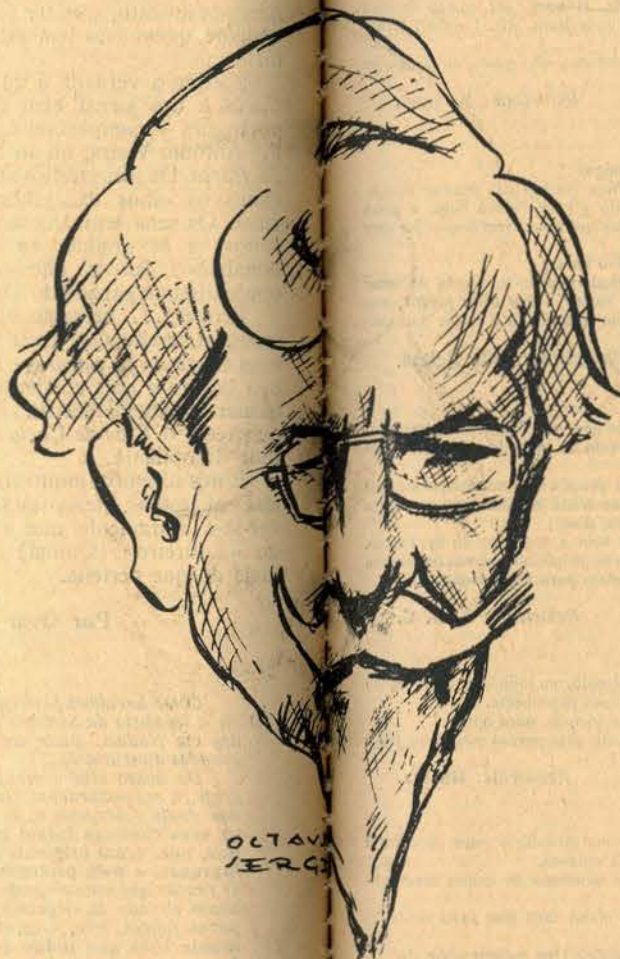
Adeus, ó doces aspirações do passado, adeus! Ao que éle aspirava agora, era ao sossego dos anos, dos largos anos da sua vida de... pindérico, de homem de letras.

E encontrou. Era um lugarzinho de aspirante de Fazenda, devoluto não sei porque mistérios tenebrosos que nem o Repórter X conseguiria desvendar. Mas ai! o olho da Providência velava... — e o Pindarozinho foi colocado na secção... de letras.

Migue-LINHO.

expõe no Pôrto mai-los Filhos

Mestre Carlos Reis expõe mais uma vez a sua cidade do Pôrto, acompanhado de seus filhos, D. Maria Luisa Reis e João Reis. Ornamentado de uma geração illustre, Mestre Carlos Reis ocupa neste país através mesmo de suas detractões, um lugar de relevo indiscutível, se é que a sua figura não avulta ainda mais a essas detractões... MARIA RITA, que leva a vida a rir e rirá na própria morte, que de prestar nas suas colunas de honra as suas melhores homenagens ao Mestre Pintor que catou de Lisboa até ao burgo de Garrett com sua bagagem de artista. Durante dez dias de férias de sol as paredes do *Salão Silva Pôrto*; daquele magnífico sol estremenho, ouro da infância mocidade, que enche as almas de vida nova. Com Reis assim entende-se perfeita uma restauração monárquica... absoluta... Afirma-o quem é republicano indefectível. Quando Deus e o artigo 10.º quiserem... Acontecimento notável, esta exposição veio renovar o próprio calendário. Este ano, no Pôrto, o dia de Reis calhou a 11 de Dezembro, pelo que se dá pela primeira vez, pois tem



calhado sempre a 6 de Janeiro... Três Reis, Reis Magos, caríssimos leitores, seguem deslumbrados a sua rútila estrelinha, não para adorar o misero Menino que faz gaiolas para grilos no berço de palhinhas, mas sim para verem a própria glória. E ainda há quem diga que os Reis são maus, que é preciso acabar com os Reis, etc. Palavra de honra: se não tivéssemos medo, até dávamos um viva à monarquia do Pinheiro Tôrres... D. MARIA RITA, que tomou hoje o de assento circunflexo para refrescar a sua delicadeza, cumprimenta o Mestre Pais e mai-los seus reais pimpolhos, pedindo desculpa da pouquidade das expansões... Quem que tem, a mais não é obrigado.

Disse-o MARIA RITA. A criminosa é a *Caligrafia!* Ora o que MARIA RITA diz é, para mim, um axioma. E eu que me pelo por axiomas — chego a sustentar-me de axiomas, quando me faltam *bromas*, o meu pratinho dilecto — só com axiomas me governo.

Para mim só há o axioma. Fora dêle tudo é solisma, palão, conto do vigário.

Lida a MARIA RITA, chamei logo a Caligrafia. Veio, convulsa, torta, misteriosa, como nasceu e há de morrer. Sempre constipada, espirrava... tinta. Sempre com a dança de S. Vito, que a acometeu, ao brotar das pautas do cursivo, gingava, estorcia-se, esparinhava hastes e pontos nos *ü*, virgulas, parêntesis, parágrafos.

Mas escutou-me. E vai eu ferri-lhe esta descompostura:

— Você é uma estanhada marafona. Está sempre... nas tintas. Você anda feita com as minhas eternas inimigas, as *gralhas*. Você é uma infame! A você devo o meu permanente estado de humidade... os caudais das minhas cristalinas e inextinguíveis lágrimas! Monstro! Cara... de cão... de cadela!...

E desfiechi dois coices augustos nas trombas do gato, que arranhava a palhinha duma cadeira próxima. Choveu do teto uma onda de mósca mortas, de teias de aranha, de cadáveres de percevejos vagabundos. Doze centopeias largaram num galope, como se fossem pulgas. Um rato espavorido espreitou, piscou o olho, projectou uma caganita e ausentou-se, cheio de dignidade, ironia e mau cheiro.

Acudiu a criada. Tremia.

Mas a cólera passara-me e, depois da trovoada, viera a chuva — as lágrimas. (Este pensamento é do meu velho amigo Sócrates com quem em Atenas andei na ramboia em bons tempos. Mas, como sabem, já não há plágios, há arranjos).

De cócoras, carregado de pranto e ramela, alcei o mimoso focinho e gani — palavra de honra! — de olhos postos nas coxas do auditório:

— Vi a luz do dia... que diz, a luz duma vela de sêbo (porque nasci de noite, antes de cantar o galo) nas ribas alpestres do turgido Douro. Na véspera tinha esticado o pernil o conde D. Henrique... duma indigestão de couve galega. Já a viúva, a escultural, a saborosa, D. Teresa se dava muito melhor com coisas da Galiza. Pelava-se pelo nabo galego, que lhe trazia o conde Peres, um barbaças de grandes ousadias.

Aos 6 meses, falava e andava como agora. Fui sempre precoce, como o Zé do Telhado, o Fajardo e outros génios imortais.

De ano e meio me matriculei nas aulas dum convento de cruzidos. Três meses depois, falava e escrevia latim bárbaro, do autêntico — um *car-rascão* como o vinho verde de Braga — a língua d'oil, a língua d'oe, o grego, o árabe, o hebraico, a língua de porco e a língua de vitela.

Aos 10 anos, dizia missa, pregava sermões, escrevia crónicas e fazia trovas, que El-Rei D. Denis depois plagiou descaradamente, como Santa Isabel sabe.

Aos 20 anos, era um prodígio. Egas Monis, muito antes de fundar a charanga dos centristas, dizia, a cada passo, a D. Afonso Henriques:

— Se V. Mercê tivesse o valor do Choramigas, os sarracenos já tinham passado o Estreito há muito...

— O Estreito?

— Sim, lá os tínhamos papado a todos...

E bulava.

Um dia procurei El-Rei D. Sancho I. Estava a dar massagens nos éburneos ombros da Ribeirinha, uma ruiva muito geitosa.

— Real Senhor...

— Que queres tu?...

— Sou o Choramigas. Tenho sido um génio: agora sinto vocação para herói. Desejo ir dar catanada nos mouros do Algarve.

O monarca cismou, fêz cócegas nos sovacos da Ribeirinha, chamou o chanceler Julião, catou

na grenha um insecto muito negro, e, depois de muito parafular, despejou:

— Tu sabes: sou o Povoador! O que eu quero é povoar... povoar... de homens... de bichos... É o programa do venerando Noé... incluída a experiência da pinga... Tu gostas da pinga, Choramigas?

— Eu, Real Senhor...

— Ora bem, Choramigas, dados o teu génio e heroísmo, vou-te confiar um papel importante. Queres batalhar no Algarve? Sentarás praça no batalhão de rancheiros. Ficas encarregado das sopas de vinho dos cavalos e burros que se estafam nos combates. Queres difundir as luzes do espírito? Ensinarás a ler... *por cima e por baixo*... us algarvias. E assim *povoardo* o reino... Vai!

E eu fui. E ninguém me *ligou nenhuma*. As sopas dos cavalos cansados comiam-nas os barões e as suas comboças. As algarvias, que eu ensinava a ler *por cima e por baixo*, só queriam fazer a *leitura* com brutamontes que não sabiam ler... nem estar quietos.

Morreu D. Sancho I. O filho, o Afonso II, deixou-me ir às Navas de Tolosa, mas meteu-me uma corneta na boca e não me deixou dar nenhuma catanada. O meu serviço era tocar sempre a fúrieis.

Veio o Sancho II, o Capelo, e só me deu atenção em Toledo, quando destronado, ao dar-lhe a cólica que o matou. Foi para me pedir papel macio... Limpou-se e morreu, e fãõ bem o embalsamaram, que o Martim de Freitas, ao levar as chaves, não sentiu mau cheiro nenhum...

Veio o Bolonhês e embirrou comigo. Inventaram que eu bebia os ventos... da condessa Matilde, de focinho no chão.

D. Denis foi um velhaco. Apanhou-me os versos... e mandou-me plantar o pinhal de Leiria, cavando, suando e gemendo.

Em vão me impus como lente da nova Universidade. As lágrimas da adorável medianeira Santa Isabel apenas conseguiram que eu fosse nomeado... archeiro honorário com um vintem por ano.

Veio o Afonso IV, o Bravo. Este deixou-me ir à Batalha do Salado, mas, chegado lá, mandou-me fazer... *salada*, ferrou comigo no rancho.

E que vos direi de D. Fernando, o Formoso? Cheio de ciúmes da minha formosura, nem sequer me deixou ver os artilhos de Leonor Teles de quem fui alcoviteiro. O Mestre de Aviz desconsiderou-me tanto em Aljubarrota, que me quis casar com Brites, a padeira célebre, feia como o diabo, e o próprio Nundálvares, ao ver-me, assoou-se e mandou-me meter, num frasco que enviou traiçoeiramente ao João das Regras. O chanceler recebeu o frasco, mas, fino como era, mandou-o despejar no caixote do lixo. O frasco quebrou-se e eu pude escapar-me, afogado em lágrimas... e vergonha...

Ah! e o que vos podia contar doutros reis e figurões! Basta isto: fui eu que ensinei D. João II a avistar a Índia... e sou eu o autor dos *Lustadas*. Ouvis? Esse Camões é um mito, um pseudónimo, um Júlio Dantas!

Calaram-se os ecos. E então a Caligrafia voltou-me com sarcasmo:

— Mas que culpa tenho eu em tudo isto? Fora maçador!

— Que culpa?! — irrompi, facundo, trágico, inexorável. Que culpa?! Miserável! Imbecil!... Você é tão incorrecta, que chega a exprimir o contrário ao que eu lhe dito. V. tem falsificado todos os memoriais que tenho enviado a reis, papas, bispos, barões, capitalistas, editores, tipógrafos, leitores... V. é uma barregã, conchavada com as alcaiotas, chamadas *gralhas*... Mas não o digo eu: di-lo a própria MARIA RITA, imparcial, infalível, grave e rija como um obelisco.

E afocineihe solenemente, conchavelado de lágrimas, caspa e filosofia.

CHORAMIGAS.





# A MELHOR QUE EU SEI

## Anedotas, Epigramas & Calemburgos

No nosso último número foi premiada a anedota n.º 28.

N.º 38

O médico (higienista notável a ares na aldeia de X...) para o regedor:

—...Sim, porque a higiene, além de ser a base da moderna medicina, dá saúde e alegria!

O regedor—Tem V. Ex.<sup>a</sup> muita razão. Eu cá também sou muitíssimo amigo da limpeza. Acredite o Sr. Dr. que quando lavo os pés, naqueles primeiros 15 dias ando mesmo consolado.

Remetente: Palitus.

N.º 39

A professora de Zoologia demonstra as virtudes do gato, entre elas o ver às escuras e muitas mais. Para ver se os alunos tinham compreendido, pergunta:

—Zézinho. Diga-me uma coisa: que podem fazer os gatos e que eu não posso?

—Abanar o rabo, minha senhora.

Remetente: Zéca Laimes.

N.º 40

Um lapónio juntou as suas economias e demudou terras de Sauta Cruz.

Tendó encontrado a árvore das patacas, anos volvidos voltou à sua Pátria, rico na algebeira e na língua de preto.

Certo dia visitando a casa paterna, tem para todos um ar de grande senhor e para tudo um sorriso escarminho.

Num dado momento vê caído na rua um ancinho, com o qual tantas vezes amanhara mato, estrume, etc., e pergunta:

—Qui diacho di instrumento é isto qui até parece um pente di cabelo?

Porém, ao mesmo tempo, punha o pé sobre os dentes do dito instrumento, os quais baixando sobre a pressão do pé fizeram levantar o cabo, que muito a propósito esmurrou o nariz ao nosso herói:

Então o falado pé di chumbo, vendo as estrêlas, perde a sua alta compostura e exclama:

—Raios partafu o ancinho, seu papai!

Remetente: Amoura.

N.º 41

O professor ao aluno:

—Menino, pode-me dizer qual é a alma do negócio?

—Sim, senhor professor. Antigamente era o segredo, mas agora é uma concordata com 30%.

Remetente: Lizé.

N.º 42

Num jantar de cerimónia, o dono da casa, surdo como uma porta, sopra à sopa que está quentíssima.

Uma dama que está a seu lado, observando a esposa, diz-lhe:

—Sua esposa está hoje encantadora.

—Bem boa... mas está muito quente.

Remetente: Oliveira Monteiro.

N.º 43

Um cavalheiro entra numa mercearia e pergunta:

—Faz favor de me dizer: tem cá manteiga?

—Tenho sim!

—Tem cá canela?

—Tenho sim, meu senhor!

—Então come-a sózinho.

Remetente: António Chamado.

N.º 44

Um rapaz dá gelo a uma galinha.

A criada vê e pergunta:

—Para que é que dá gelo às galinhas?

—Para que elas não ponham os ovos já estrelados.

Remetente: Arnaldo Costa Neves.

N.º 45

Entre um cego e um surdo, ambos tocadores:  
O cego:—Tocas violino por música ou de ouvido?

O surdo:—De ouvido. E tu?

O cego:—Eu toco por música.

Remetente: Sepol.

N.º 46

Diante dum meretíssimo Juiz, cujo defeito único era o de ser vesgo, encontravam-se três meliantes a fim de serem interrogados.

Voltando-se para o primeiro o juiz perguntou:

—Como se chama?

Responde o segundo acusado:

—António, Sr. Juiz.

Irritado o ilustre magistrado volta-se para o que respondera dizendo:

—Não foi a si que interroguei, porisso cale-se!

Nisto o terceiro réu em voz trémula gagueja:

—Mas queira desculpar-me V. Ex.<sup>a</sup>, não fui eu quem falei!...

Remetente: Elmano Otrebla.

N.º 47

O forasteiro—A que atribui a sua longevidade?

O mais velho habitante da aldeia—A minha quê?...

O forasteiro—A sua longevidade.

O habitante—Olhe, senhor, tive muitas doenças no meu tempo, mas nunca tive essa.

Remetente: Marceline.

N.º 48

Certo soldado, querendo escrever para a mãe e como tivesse perdido a direcção põe assim na carta.

«Correio da minha terra.

Para minha mãe, se lá não estiver meta por baixo da porta».

Remetente: Pouca Sorte.

N.º 49

Na cozinha.

A dona da casa para a cozinheira:

—Lavaste esse peixe antes de o fritar?

A cozinheira:—Lavar para quê? Um animal que passa toda a vida dentro de água...

Remetente: Pouca Sorte.

N.º 50

Estando num café um sujeito a escrever uma carta a um amigo, percebeu que na retaguarda dele, outro estava lendo o que ele escrevia. O primeiro fingiu que o não sabia e concluiu a carta dizendo à pessoa a quem era dirigida:—Eu não posso contar-te mais nada porque tenho por detrás de mim um bandalho que se está divertindo em ver o que te escrevo.

—Arre bruto, exclamou então o outro, para que mente você, se eu nem para lá olhava.

Remetente: Delfim de Freitas.

N.º 51

—Porque estás tu de luto? perguntou um amigo a outro.

—Por minha sogra...

—Morreu?

—Não; mas vivemos juntos.

Remetente: + ou -.

N.º 52

Num clube três amigos ingleses, fumavam e liam acêrca de uma hora, sem dizerem palavra. Passa na rua um auto com certo ruído. Dez minutos depois, disse Mr. Smith:

—Passou ali um... Rolls-Royce.

—Não era um Rolls-Royce. Era um... Cadillac, respondeu Mr. Holmes, um quarto de hora depois. (Passada meia hora, Mr. Lambert levantou-se e diz):

—Vou-me embora; não gosto de discussões violentas.

Remetente: K. Lino.

N.º 53

Entre duas amigas:

A esposa—Meu marido não possui absolutamente mau hábito algum. Nunca bebe, e passa as suas noites todas em casa. Nem sequer pertence a nenhum clube.

A amiga—Não fuma?

A esposa—Moderadamente. Gosta de fumar o seu charuto a seguir a um bom jantar, mas parece-me bem que não chega a fumar dois charutos por mês.

Remetente: João Beleza.

N.º 54

Na câmara de uma vila Alentejana, tratandose do embelezamento do lago do jardim com cisnes, patos, etc.

Um camarista propôs que se comprasse uma gôndola. Outro camarista julgando que se tratava de alguma ave rara, disse:

—Parece-me bem a proposta do Sr. Fulano, mas por minha parte proponho que se compre uma gôndola e um gôndolo para reprodução.

Remetente: A. B. C.

N.º 55

Passava no Rossio um indivíduo todo vestido de branco e de cabeça descoberta.

Um garoto dos jornais, para outro:

—E' pá! Aquele gajo parece mesmo um forfo de cera!

Remetente: Busina.

N.º 56

Calino pega num dicionário para procurar a significação de uma palavra.

No fim de um momento de inúteis investigações exclama:

—Mas onde diabo terá este livro o índice!

Remetente: Um admirador da MARIA RITA.

N.º 57

O meu amigo, e grande charadista Rei do Orco encaminhara-se um certo dia para os lados da Praça das Flores, e lamentava-se amargamente.

—Que grande sarilho, aumentarem quasi 10% no preço da gasolina!...

—Mas isso não o prejudica, observo-lhe eu, você não tem automóvel.

—E' verdade, não tenho automóvel, mas tenho um acendedor automático.

Remetente: Horácio Ferreira.



# FOLHAS DE ALFACE

## CARTAS DA CAPITAL

Minha querida MARIA RITA:

Está em perigo uma das mais venerandas instituições nacionais: — o barulho.

E' verdade.

Vai na Imprensa uma barulhenta e clamorosa campanha, a favor do silêncio.

Descobriram todos que Lisboa era por excelência a cidade do chinfrim, — e vá de botar artigos nos jornais a proclamar a necessidade de reprimir os estrondos, na capital.

Acho muito bem; é uma ideia muito bonita, muito alevantada.

Simplemente, custa-me a crer que o silêncio leve a sua avante.

O português precisa do barulho, ama o barulho, quer o barulho; — foi mesmo na História Universal, o grande precursor do sonoro.

Junta a uma mesa uma dúzia de portugueses, — escolhidos a dedo, em tôdas as províncias, para a dúzia ser composta de cidadãos bem educados. Há pelo menos dez que não sabem mastigar sem fazer barulho, aquele barulho molhado e rítmico de bolo alimentar em plena laboração...

Depois, arranja com a mesma dúzia três mesas de *bridge*. As duas por três, aí tens as damas sêcas, os reis à terceira, as chicanas em trunfo, convertidas noutras tantas fontes de discussão ruidosa, — que parece ser, e que é, o grande encanto das partidinhas caseiras. Sim, nós não jogamos as cartas pelo prazer de atirar um ás para a mesa; jogamo-las pelo gozo de demonstrar calorosamente ao parceiro que foi um asno em não jogar o Rei que lá tinha.

Conseguirão que tudo isso acabe?

Da mesma forma, ter automóvel não é possuir um veículo que nos leva, directa, veloz, e submissamente, onde queremos ir. Não. E' ter uma caixa de chifreiras, com quatro rodas que nos permitem deslocá-la para onde nos apraz que haja estrondo. Se fôsse possível suprimir-lhe a gaita, o automóvel perderia em Portugal 50 % do seu consumo. Já lá vai o tempo em que os amorosos, ao passarem pela janela hermética da sua Dulcinea, lhe atiravam aos vidros com amor e cautela grossas areias do caminho, ou assoviavam meigos trinados de rouxinol, ou pigarreavam com disfarce comovido. Hoje, quem ama uma mulher compra logo um *cabriolé*. E passa-lhe em frente da casa, sem para ela olhar, com o maior número possível de cavalos a atirarem ao ar fumaças velozes e ribombos devotos. Não será perigoso, determinar uma compressão de barulhos — num país onde a razão, a preferência, e até o amor, só sabem andar com o escape aberto?

Cuido que será perigosíssimo!

Então a gente há-de ir a um teatro e não desatar a lungar, tossir, espirrar, pigarrear, pôr, numa palavra, o som em liberdade — durante aquelas cenazinhas mudas que os autores, (os que conhecem o seu público) inserem a meio dos actos para a nossa sonoridade respirar? Se no-lo impõem, — ficam os teatros às mósas. Pedir aos portugueses que não façam banzé, — é tão inútil como solicitar aos ratos que não façam ruído.

Querem pôr pneumáticos nas ondas do mar, — que justamente estes dias, durante a campanha do silêncio, teem andado a fazer pouco, (isto é, a fazer muito... barulho) nas nossas costas?

Determinam a abolição do pé descalço, — que era o meio de condução mais caladinho — e querem ainda por cima que a população, recém-habituada à biqueira e ao tacão, — ande nas pontas dos pés? E' pedir demais.

Os pregões, êsses santos e altíssimos pregões de Lisboa, que nos metem salmonetes pelos ouvidos, que nos recheiam o cérebro de azeitonas novas, e que nos gravam números de bilhetes na memória, — para a gente passar oito dias assustado, com medo de que a taluda saia naquele maldito número que não compramos — todos êsses pregões vão passar a ser substituídos por... mímica? Morre, desta feita, o cauteleiro da minha rua; êle teve esta manhã ótimas guelas para apregoar o 9:345. Mas não tem mão que, aberta ou fechada, se abaixe e se

levante nove mil trezentas e quarenta e cinco vezes diante de cada transeúnte a quem cuide que o pode vender! E mesmo que a tivesse, — o transeúnte pedia-lhe a conta.

Enfim... Descreio muito, muito, dos resultados práticos desta clamorosa campanha. Fortes e poderosos eram os canhões ingleses, e os alemães, e os de todo mundo. E de todos êles juntos, a ribombarem sem descanso durante quatro anos, na mais ensurdecadora das inferneiras, o único resultado prático foi, para o orbe, ter, uma vez por ano, dois minutos de silêncio...

Como acima te digo, foi abolido o pé descalço, — excepção feita para as pernas de pau.

Confesso-te humildemente que não vejo a vantagem de que todo o povo, muito conscientemente, passe a saber onde lhe aperta o sapato.

A história do nosso tempo, — seja dito com perdão de César Kantu e de todos os historiadores nascidos antes do tempo — é mesmo o que se chama, em vernáculo, uma coisa *pândega*.

A Alemanha, foi vencida.

Os aliados, ficaram vencedores.

Logo, se a Alemanha bate o pé e não quer pagar o que deve, como bem lhe basta ter sido vencida, coitadinha, — não paga. Mas pagam os aliados, uns aos outros, com língua de palmo. Para isso venceram, que diabo. A Inglaterra paga, a França paga, tudo paga, minha gente.

Mas a mim apetece-me ir à Câmara dos Comuns e perguntar a toda essa gente que paga. — «Ninguém bufa?» —

E juro-te, MARIA RITA, que a pergunta não tem que ver com a campanha do silêncio, referida atrás...

Uma Companhia de Declamação propôs-se obter do Estado o teatro de S. Carlos. Já não era a primeira vez, e tudo indicava que todos achassem muitíssimo bem.

Pois tem sido o diabo.

Os músicos descobriram que o teatro era dêles, e desataram num berreiro, que lho dessem, que lho dessem. Formaram uma verdadeira Companhia de Reclamação.

Eu tenho muita pena dos músicos, que atravessam, devido ao cinema sonoro, uma crise terrível.

Mas, neste caso, não teem razão. S. Carlos é um teatro do Estado; não é um teatro dos músicos. Foi construído para *Opera*, que era uma modalidade artística do século passado, que era entre nós artigo de importação, e que já deu o que tinha a dar, naufragando em ridículo salvo raríssimas excepções.

A música, entre nós, precisa de ser protegida, sem dívida.

Mas S. Carlos é, hoje em dia, grande demais para as possibilidades da Música. Reconhecê-lo-á o próprio Rui Coelho, que é um real valor artístico de Portugal, se se der a matutar no caso com serenidade, — em vez de se atirar com calor a *batutar* a torto e a direito.

Dispõe do

Tomaz Ribeiro COLAÇO.



## Cartas a tinta preta

(IMPRESSÕES DE ÁFRICA)

Tia Maria Rita:

E' escusado

Perguntar-te, sequer, como vais indo... — Cada vez mais gordinha e mais lindo o lindo corpo rijo e bem criado.

Que isso de bem criado, — isso lá, é, Conquanto alguns bebês filhos-família Cheinhos de miminho e de quezília Te achem a língua destravada até!

Ai! quem lhes desse co'um travão na pinha Ou... lá na delicada curvatura Aonde as costas mudam de figura, E que o leitor assíduo adivinha!

E se êles reilhassem da paulada Responderias lépida e loquaz Que as nações que se prezam de ter paz São as que sempre andaram à pázada.

Escrevo-te estas linhas em Setembro, No último têrço do ano, — a estação Pior p'ra quem cá vem ganhar o pão... (Também, se alguma é boa, não me lembro!)

O ano tem ao todo doze meses: Pois de Janeiro a Abril a gente espera Que venha enfim de Maio a Agosto a era De liquidar as contas e revezes.

Veem Maio e Agosto... — à dependura, Co'uma cara de Lázaro defunto Trazendo ôsso em lugar de bom presunto E côr... no dito, que é *sustância* dura...

Vai-se a gente, que é gente de bom goêto, Mastiga aquilo tudo ao pé da letra E... espera de Setembro a Abril, etc., Que venha novamente Maio a Agosto!...

E êste é, MARIA RITA, o servicinho De há uns anos... escuros a esta parte... Adeus, que já não quero mais maçar-te. Um abraço do fixe

Migue-LINHO.

## Ensinamentos práticos

### Contra os mosquitos

Os mosquitos podem, sem dúvida, enfiletrar ao lado daqueles bicharocas a que nos referimos no primeiro Ensinamento. Se não se agarram a nós com unhas e dentes, como os tais, não deixam de nos ferrar o bico e nos azoinar os ouvidos. E' verdade que às vezes parecem estar executando um concerto de violino, mas um fulano, quando se deita, é para dormir (às vezes não...), e não para ouvir concertos. Bem basta, se é casado, ter de aturar a mulher, se lhe apetece pregar algum sermão!

Ora, contra os mosquitos, conheço a seguinte infalível receita:

Se conseguirem, embora com incongruente e incoercível dificuldade (que lindo!), conseguir haver às mãos (o que não é de todo inconcesso) um exemplar do famigerado... Ecos de Cacia (cá está êle!), se conseguirem, dizia, pois as edições esgotam-se num ápice, abram-no sobre qualquer móvel e não teem que esperar muito. Os mosquitos, que são danadinhos pelos pântanos, caem logo aos cardumes em cima da bacia, — digo, do de Cacia — e é pela certa: morrem todos com um ataque de asneirite aguda, que dava para um regimento!

BISNAU.

## Resíduos de um duelo

— Mente, senhor Dom Vilão! —  
Diz iracundo o barbudo.  
E o outro, olhando o *patrão*,  
Entregou armas e tudo.

Matar! — Intento malsão.  
Matar, ficando assim sujo,  
— Não se ofenda o dito cujo —  
E' lei do mata-borrão.

Um, a língua ata e desata.  
E o outro bom espadachim,  
Onde disse não, diz sim,  
Se é que não mente a própria acta...

E foi assim, meus leitores,  
(P'rá vossa memória apelo)  
Que dois célebres doutores  
Se bateram em duelo!!!

**Elmano ESTUDANTINO.**

## Lições de zoologia

Pelo Prof. ZOOPIROTÉCNICO

VIII

### **O gato**

(*Felix Rinhaunhau*)

Lyneu

Descendente da nobre família Félix, o gato, encontrando um dia a gata de sufeco, enguliu o acento agudo do e da família e sentiu-se um animal completamente feliz.

Derivam de este magnânimo e escabroso encontro todos os gatos que povoam os telhados da Europa Central e do resto do mundo.

Os gatos dão-se na Europa, na Africa, na Asia, na América e na Oceania, o que equivale a dizer que se dão em toda a parte... Antes se não dessem.

Os gatos são exactamente como as raías.  
— Dão-se em toda a parte.

E é curioso notar que local onde se não dêem gatos dão-se forçosamente raías. Verdadeiramente, segundo a opinião de um rato nosso amigo, os gatos não servem para nada e são a pior peste do mundo.

Não devem, porém, os meus alunos fiar-se nessas tretas.

Diz-se muita coisa que assim não é.

Ainda outro dia garantiram a um dos nossos redactores que o Sr. Dr. Sousa Costa é o maior escritor português só porque tem um metro e oitenta fora a cabeça, e afinal soube-se depois que só tem um metro e oitenta à justa, sem cabeça nem nada... A zoologia tem de estas coisas extravagantes.

Ora, os gatos servem precisamente para apanhar ratos e para concertar louça partida, já que infelizmente ainda se não descobriu um processo para concertar louça inteira, a despeito dos esforços empregados nesse sentido pela Real Academia dos Deita-gatos de Madrid.

O gato, em pequenino chama-se gatinho; quando é muito grande diz-se gatão e não é nada mau, por tal sinal, para acompanhar uma pescadita à espanhola no Hotel da Tibúrcia, aí pelas três horas da manhã, ao lado de uma gata disfarçada em cocote, coisa muitíssimo mais suportável que um gato disfarçado em croquetes...

Há quem suponha que os gatos são boémios incorrigíveis, que passam as noites na rambóia sem nunca se deitarem. E' falso! Juramo-lo pela virgindade de uma gatinha que temos lá em casa para serviço particular e extraordinário, ainda que ordinárrissimo, do nosso riquíssimo Dom Tareco.

A propósito, devo confessar aos meus pacientíssimos alunos, que nunca falo em Tarecos sem me ruborizar... Contos largos...

Ora, ia eu dizendo que era falso não se deitarem os gatos.

Vimos já que os gatos se deitam, ... na louça partida, motivo porque me dispenso de continuar a obter a cárie eerebral da vossa dentinção craniana. Este curso superior é exclusivamente para as pessoas regularmente estúpidas, razão porque não tenho nas minhas perleções a menor contemplação com as pessoas pouco inteligentes.

Não se deve deitar água sobre os gatos, se não ficam todos pingados e depois não pres-

tam senão para acompanhar enterros de tocha na mão.

E ponto por hoje, que já basta de gatos, se lhes parece.

### **Zoopirotécnico**

Professor de Zoologia no Instituto de Socorros a Naufragos.

## Pensamentos médicos

E' forçoso confessá-lo, meus rapazes: O partido democrático é o *treponema palidum* da república.

**Dr. Santos Silva.**

Tu exageras, Eduardo; não é tanto assim. Nós, na Comissão Municipal...

**Dr. Alberto Gonçalves.**

Ó filhos, não me chateiem... Nem medicina, nem política.

**Dr. Sousa Júnior.**

A garganta é neste país de tenores de ópera bufa um órgão indispensável.

**Dr. Vellozo de Pinho.**

O que é preciso é muito ôlho!...

**Dr. Urgel Horta.**

Eu cá não sou médico, mas faço minhas as palavras do orador antecedente.

**Prior dos Congregados.**

De política não entendo... Mas o que vocês querem parece-me um parto laborioso.

**Dr. Aloísio Coelho.**



## Quem é?

Faz notas, mas não vai preso  
Como os outros do Angola...  
E com as notas que êle faz,  
Muita gente se consola...

Mas sabeis, caros leitores,  
Que notas faz, para aí?  
São estas, tomai sentido:  
Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si.

E' «maestro» consagrado  
Como poucos conheceis;  
Ide à «Viela dos Gatos»  
E depois vós m'o direis...

SEPOL.

Decifração do número anterior — Quem é?  
Sara Beirão.

**Matadores:** Só Darco, Alvarcarso, Oinotna,  
Lizé, Reirobi, João da Sé, Monteiro I e II, Octá-  
via Maria, Abd-el-Krim, Fantasma Negro, Ama-  
rantino, Rei do Jazz, Venâncio da Praça, Denis  
King, Cirrado, Zé Barão, Seugirdor.

## QUADRAS

para pôr num jazigo de uma  
sogra querida

A minha Sogra é uma estrêla  
Mas uma estrêla polar  
No fundo do meu Indecto  
Vou mandá-la retratar.

Eu quero-lhe tanto bem  
Eu quero-lhe tanto tanto  
Se a não vejo um só dia  
E' p'ra mim um dia santo.

As Sogras são bichos vis  
As Sogras são bichos maus  
P'ra lhe malhar nos costados  
São poucos todos os paus.

Mandei rezar vinte missas  
Outros tantos padre-nossos  
Para que Deus permitisse  
Qu'ela encangasse dos ossos.

Quem tem Sogra tem seguro  
Um lugar no Paraíso  
Pois se o céu é dos malucos  
A Sogra rouba o juízo.

Tentei rifar minha Sogra  
Mas cruel é a sorte minha  
Pois não houve quem ficasse  
Com semelhança morrinha.

Minha Sogra quem me dera  
Ver-te hirta, imóvel, serena  
Com os olhos bem fechados  
E as pernas com gangrena.

Sogras, Senhor, nem de barro  
Nem de gêsso nem de cal  
E uma de carne e ôsso  
Eu aturo por meu mal.

Quem não puder comprar a MARIA  
RITA, peça-a emprestada. Desta  
:: forma, terá graça de graça ::



## O Fado e o teatro

Estávamos no Club Rotários dos  
Guindais de Baixo, e já tínhamos engu-  
lido quatro bolos de bacalhau e duas iscas  
de fígado, quando se levantou para usar  
da palavra e da língua, o conhecido e  
assaz famigerado dramaturgo Pascoal  
Talma da Silva, glória das letras pátrias  
e das letras protestadas.

Sua Excelência, enquanto nós comía-  
mos azeitonas e atirávamos com os  
caroços para o chão, perorou da forma  
que adiante se verá.

Foi assim que o Talma da Silva  
falou:

— Os senhores não-de perdoar, mas  
eu não sou, em absoluto, da mesma  
opinião com referência ao tradicional  
«choradinho».

Lá que um faduncho, bem arranhado  
na banza, bufa com miúdos do senti-  
mentalismo lusiada—estamos de acôrdo;  
mas que êsse faduncho, mascarado de  
rufia, com calças à bôca de sino e  
«beata» ao canto da bôca, represente o  
carácter português e a raça audaz e  
valente dos descendentes do Vasco da  
Gama,—isso mais devagar.

Porque,—os senhores estão vendo,  
—o fado, tal qual nos é apresentado  
por aí em diversos teatros, é um refi-  
nado, que vive à custa das mulheres e  
maneja a navalha com facilidade.

Sé quisermos mostrar a um estran-  
geiro que nos visita, a nossa tradicional  
canção, e o levarmos a uma casa de  
espectáculo para que êle a possa apre-  
ciar, o nosso hóspede sai de lá e vai  
direitinho como um fuso encafuar-se  
no vagão que o há-de levar ao seu país.

E, durante a viagem, atemorizado  
com o que viu e ouviu, levará repetidas  
vezes a mão ao ventre para se certificar  
se ainda não tem as tripas em exposi-  
ção e os rins a tomar o fresco!

E temos a certeza de que, quando  
chegar ao seu país, o homenzinho in-  
cauto e simples que nos visitou, dirá  
para a mulher e para os filhos:—«Livre-  
-me de boa! Safa! Aquilo é uma terra  
de bêbados e de reles marafonas! Os  
homens são uns facinoras repelentes que  
não usam colarinho e chamam gravata  
a uma guitarra encafuada pela cabeça  
abaixo do parceiro.

Por dá cá aquela palha, distribuem-  
-nos pelo corpo setecentas facadas, em  
série, e somos servidos, no dia seguinte,  
nas tabernas da Mouraria, transforma-  
-dos em croquetes com arroz! E as mu-  
lheres; isso é que são umas gajas!  
Usam faca na liga, cigarro ao canto da  
bôca e babam-se tôdas quando o ma-  
cho lhe deixa o corpo cheio de nódoas  
negras».

Ora para que êste verídico reclamo  
não nos seja feito, é preciso que a gente  
não exponha alguma das nossas mais  
repelentes maselãs aos olhos estranhos,  
e lhe mostremos, antes, o que temos de  
bom e sadio, caracteres lavados e puros,  
que não envergonham um país e que  
são o orgulho duma raça.

E ao terminar a sua quási-conferên-  
cia, o nosso amigo Pascoal Talma da  
Silva, nós observamos-lhe timidamente:  
—Tens razão. Mas há pior do que a  
exibição doentia do fado encarnado em  
rufia. Pior, muito pior é o pratinho  
obrigado que se apresenta em cena,  
dengosos invertidos, que rebolando-se  
sensualmente e atirando olhares de con-  
vite aos outros homens, arrancam gar-  
galhadas estrepitosas a um público que,  
por vezes, perde a noção da dignidade  
e do sexo.

LEIDOAR.

## ANUNCIOS da MARIA RITA

**ALUGA-SE**, desde o dia 20 do corrente a  
10 de Janeiro p. l., um pinheiro *manço* ainda verde  
e com boa copa, próprio para servir de árvore do  
natal em casa rica. Preço razoável e boas condições.

**VENDE-SE** um *maillot* impermeável próprio  
para banhos de imersão em água morna e à porta

fechada a horas mortas. Só se trata com pessoa  
de toda a respeitabilidade, dadas as boas condi-  
ções de conservação do objecto.

**CLARAS DE OVOS**, em bom estado de  
conservação, vendem-se em casa particular, ser-  
vindo para fazer doces de argola e manjares  
quentes.

Já tem açúcar, canela, limão e cravinho da  
Índia para evitar o mau cheiro.

**RABANADAS** de vento, sêcas e com molho,  
quem as quiser dirija-se ao farol da barra do  
Douro ou ao molhe de Carreiros. Boas para acal-  
mar a febre e livrar de tossir depois de morto.  
Não se leva nada pela receita.



## CLASSIFICAÇÃO GERAL

Concorrente votados duas vezes ao **Quadro negro:**  
*Adriano X. Nel.*

Concorrentes votados uma vez ao **Quadro negro:**  
*Amaral, Elmano Otrebla, Ardotos, Cagancho e Biturino.*

Concorrentes já com direito ao segundo prémio (4 votos de louvor):  
*Olegna, Lizé, Sepol e Amaral.*

Concorrentes já com direito ao terceiro prémio (3 votos de louvor):  
*Zé da Sé, Tito e Adriano X. Nel.*

Concorrentes com dois votos de louvor:  
*Luigi Morelli, Ardotos, João da Sé, Horrivel, Saramago, Tónio, Zé Barão e Alfredo Cunha.*

Concorrentes com um voto de louvor:  
*Asódias, O., Orno, Octávia Maria, J. A. Costa, Amarantino, Delfim Freitas, Tripeiro, Dr. Crasto, Henrique Cardoso, Chichisbêu, Kammon, Mamede, Cagancho, Narigudo, Pierrot, Zé Norte e Alvecos.*

Para terminar com o mote

*Se casar a Beatriz  
Lá se vai o burriê.*

damos hoje as seguintes

### GLOSAS:

N'uma revista a atriz  
E faz n'ela um figurão  
Perde a Alma o Mexilhão  
*Se casar a Beatriz.*  
No seu papel é feliz,  
Isso verdadinha é...  
Anda aí um lamirê  
Que vai casar essa artista:  
Lá perde o brilho a revista,  
Lá se vai o burriê.

**Vensódias.**

No seu papel é feliz  
Mostra Alma, é artista  
Mas que será da revista,  
*Se casar a Beatriz?*  
E' quasi como quem diz:  
Isto revista não é  
Já lhe perdi toda a fé  
E nem lhe dou atenção  
Vai morrer o Mexilhão,  
Lá se vai o burriê.

**Asódias.**

Vai deixar de ser atriz  
E o palco abandonar  
Porque não quer mais cantar  
*Se casar a Beatriz.*  
Mas se é certo o que se diz  
Creio que o motivo é:  
— Ir ao Stand e vir a pé!...  
E' pois por essa razão  
Que por dar um cavacão  
Lá se vai o burriê...

(Gonçalo).

**Zé Barão.**

A nossa igreja matriz,  
Que santifica os amores,  
Há-de vestir-se de flores  
*Se casar a Beatriz.*  
Leva p'la mão o petiz,  
Que anda já pelo seu pé  
A cantar quem é, quem é,  
Que há-de assoar-me o focinho?  
S'ê o novo papazinho...  
Lá se vai o burriê.

**Alvecos.**

E' ela mesmo que o diz,  
— Não acredite é boato.  
Chora o povo que m'ê grato  
*Se casar a Beatriz.*  
Eu nasci p'ra ser atriz,  
E pra cantar. O quem é?  
Não faça caso Lizé,  
De certo quem brincar.  
Não vê! Se eu me casar,  
Lá se vai o burriê...

**Lizé.**

Palpitam, mas ninguém diz  
Qual será o felizão,  
A quem prometeu a mão,  
*Se casar a Beatriz.*  
Pois parece que o feliz,  
E' um soba da Guiné,  
Que tem roças de café,  
E é futa de pura raça.  
Se isso assim é, por desgraça,  
Lá se vai o burriê.

**Zé Barão.**

Podes te dar por feliz,  
Deitar foguetes no ar,  
Dois patacos «estoirar»,  
*Se casar a Beatriz.*  
E depois, assim, Luisé,  
Com os teus filhos: José,  
Joaquim, João e Tomé,  
Vives na mor alegria...  
— Mas o diabo é que um dia  
Lá se vai o burriê!...

(S. Mamede).

**Onaicit.**

De garça são teus quadris  
Como igual não vi ainda;  
Sonho rude, dor infanda  
*Se casar a Beatriz.*  
Que graça tem no que diz!...  
Mas tudo acabar, é a minha fé  
Que eu sentia, já não é,  
Feita de ilusão do mesmo ser  
Porém se isso acontecer  
Lá se vai o burriê.

**Horácio Ferreira**

Que Deus a faça feliz  
Bem merece tal beleza:  
Mas podes ter a certeza:  
*Se casar a Beatriz,*  
Já muita gente aí diz  
No cinema, no café  
Que todo o habitué  
Deixa de ir ver a revista  
Se vai no balão a artista,  
Lá se vai o burriê.

**Octávia Maria.**

Um automóvel ela quis  
Por uma noite de prazer  
Mas segundo ouvi dizer  
*Se casar a Beatriz.*  
Um colega assim lhe diz:  
Querias auto? Anda a pé  
O fulano um tal José  
Um «Fiat» te prometeu  
Mentiu-te e desapareceu  
Lá se vai o burriê.

**Zé Pato.**

Vai mandar vir um petiz  
Aposar-de ser Barbosa,  
Num cestinho cor de rosa  
*Se casar a Beatriz.*  
Que seja muito feliz,  
E prefira andar a pé  
Para não ter outro bonzé,  
Como aquele do pé-pó,  
E depois de dar o nó,  
Lá se vai o burriê.

**Zeca.**

Toda a gente sabe e diz  
Que o «Cochicho da Menina»,  
De-certo não nos domina,  
*Se casar a Beatriz.*  
Era de todas, até  
Era pertença do Zé  
Que se fartou de gozar  
E, se calhar, de exclaimar:  
— Lá se vai o burriê...

(Lisboa).

**Dr. Crasto.**

Foi quasi por um tris  
Que apanhava a pele,  
Vou sentir a falta dela  
*Se casar a Beatriz.*  
E' uma endiabrada atriz  
Que se pinta a gesso crê,  
Até pinta o saísfrê:  
E não lhe digo mais nada  
Quando ela for deabalada  
Lá se vai o burriê.

**Reirobi.**

O povo a sorte, maldiz  
Se tal coisa acontecer  
Que havemos nós de fazer  
*Se casar a Beatriz?*  
Mas em Lisboa por um tris  
Que não houve grande bonzé  
Por ter burro... andar a pé  
Até chegou a desmarcar  
E chegaram a comentar  
Lá se vai o burriê.

**Amarantino.**

Vai deixar de ser atriz  
E entrar na vida vacata;  
Vai ser dama mui sensata  
*Se casar a Beatriz.*  
Vai ter depois um petiz  
Dois, três, dez ou vinte até!...  
Que aturirão num bonzé  
Ficando quasi maluca!  
Não cantará a bazaruca!  
Lá se vai o burriê.

**Orquídea.**

Tu não metas o nariz,  
Nem sejas bisbilhoteiro,  
E' feio ser linguareiro  
*Se casar a Beatriz.*  
Eu bem sei que ela não quis,  
Casar c'o velho Tomé,  
Prefere o António Zé,  
Que é novo, e d'essa maneira  
Embora ela não queira,  
Lá se vai o burriê.

(Gaia).

**Orno.**

Toda a gente já o diz  
Mas, porém, o casamento  
Traz-nos grande desalento  
*Se casar a Beatriz.*  
Que seja muito feliz  
Nesse novo saísfrê  
Se ela soubesse o que é  
De-certo não casaria  
E antes só pensaria:  
Lá se vai o burriê.

**Ursus.**

Em tudo que faz e diz  
Revela ser boa artista,  
Mas que será da revista  
*Se casar a Beatriz?*  
Em seus papéis é feliz  
E na arte tem sua fé,  
Do palco a alma é,  
Mas se ela casar então  
Morrerá o Mexilhão,  
Lá se vai o burriê.

(Pórt).

**Uedama.**

Não são Vossências gentis  
Lembrando mote tão triste:  
A mágoa ninguém resiste,  
*Se casar a Beatriz!*  
Ela irá para Paris  
Encomendar seus bebês...  
Acabam-se os rapa-pés,  
Os sorrisos, os gracejos.  
Ficam somente desejos!...  
Lá se vai o burriê!

**Amaral.**

Que seja muito feliz,  
Que repiquem bem os sinos,  
Que tenha muitos meninos,  
*Se casar a Beatriz.*  
Lua de mel em Paris  
Lhe desejo, por quem é,  
Como é boa e tem chiquê,  
Na noite do seu noivado  
O noivo todo babado...  
Lá se vai o burriê.

**Joãozinho.**

Saltem dois copos d'anis  
E do verde uma caneca  
Vai ser grande a camoeca  
*Se casar a Beatriz.*  
Mas depois... ninguém o diz  
E, com certeza, assim é:  
Fica triste o pobre Zé,  
Fica tudo acabado,  
Vai-se a revista e o fado,  
Lá se vai o burriê.

**Horrivel.**

Quem será a linda atriz,  
Que vai surgir na ribalta,  
Para preencher a falta,  
*Se casar a Beatriz?*  
Pois segundo o que se diz,  
E estranho isso não é,  
Do palco perdeu a fé,  
Depois da história do Stand;  
E por sempre haver quem manguê,  
Lá se vai o burriê...

**Z. B.**

Toda a gente pensa e diz:  
Que tristes desilusões  
Vão sofrer certos «labões»,  
*Se casar a Beatriz!*  
Não me «culo», mas já fiz,  
Uma jura atrás da Sé,  
De nunca mais pôr o pé  
Dentro do Sá da Bandeira:  
Lá se vai a pagodeira,  
Lá se vai o burriê.

**A. Sampaio.**

Da afirmação que te fiz,  
A prova aqui a tens:  
— Fica sem ter os vinténs  
*Se casar a Beatriz.*  
Depois, nascendo um petiz,  
Vai baptizá-lo à Sé,  
Na volta, pelo seu pé,  
Vem a cantar o miúdo:  
— Com os seus vinténs e tudo,  
Lá se vai o burriê.

(Gulpitharos).

**Luigi Morelli.**

Tudo por ela eu fiz  
Até sofri uma comoção  
E até morro de paixão  
*Se casar a Beatriz*  
Com um marido feliz  
Que eu não sei quem é  
Se não me engano é o Zé  
Que gosta muito de marisco  
Mas acabando o petisco:  
Lá se vai o burriê.

**Francisco Rodrigues.**



## AS ALEGRIAS DO LAR

### PEÇA DE PEQUENO CALIBRE, MAS DE GRANDE ALCANCE

As cenas passam-se numa quadra que nada tem de terno, embora nelas intervenha um terceto

#### Personagens

O Sr. Pacifico, 55 anos, bota de elástico, com algumas tombas; manso como um borrego e pachorrento como um gato.  
D. Bernarda, 45 anos, sapatinho de coiro... da Rússia, farto bigode, remexida como uma ventoinha, e meigã como uma... pantera.  
Inocência, 18 anos, muito pintados, muito rapados e muito... desvergonhados; saías por cima dos joelhos e decote por baixo do umbigo.

CENA—Uma casa de jantar com certo ar de conforto. Pelos assentos e pelas paredes, muitas manifestações de parvoíce... cinéfila. Mesa posta.

Ao subir o pano, Inocência está comodamente refestelada num maple, lendo uma revista. O Sr. Pacifico tristemente sentado numa cadeira de bacalhau. O relógio bate nove lúgubres badaladas.

O SR. PACIFICO (dolorosamente, levantando-se)  
Vai alta a noite e o jantar não vem!  
Já sinto o bucho a reventar... de fome!...

INOCÊNCIA (importante)  
Espera que venha a mãe,  
Que antes disso ninguém come!

O SR. PACIFICO (aquecendo)  
Isto não tem nenhum geito!...  
Mas quem governa esta casa?!

INOCÊNCIA (irônica)  
Se não estás satisfeito,  
Tens remédio: bate a asa...

O SR. PACIFICO (imperioso)  
Manda servir o jantar!

INOCÊNCIA (rindo)  
Estás grosso!...

O SR. PACIFICO (idem)  
Sou eu que mando!

INOCÊNCIA (aquecendo também)  
Não 'stejas a refilar!...

O SR. PACIFICO (bufando)  
Tu é que estás refilando!...

INOCÊNCIA (levantando-se e crescendo)  
Essa agora cá me fica!...

(transição)  
Deixa chegar a mamã,  
Que te trata da larica...

O SR. PACIFICO (lamentoso)  
Não como desde manhã...  
Almoocei às nove e meia,  
Só um pratito de açorda...

INOCÊNCIA (desdenhosa)  
Tens a barriga bem cheia,  
Desde o fundo até à borda...

O SR. PACIFICO (aquecendo de novo)  
Não me faças afinar!...  
Comigo ninguém se meta...

Já disse: quero jantar!...  
Se não... vai tudo à galleta!...  
(mete, triunfantemente, as mãos nos bolsos das calças)

INOCÊNCIA (a rir)  
'stás hoje muito valente!...  
Pareces um lutador!...  
(transição)

Se a mamã vem de repente,  
Sempre apanhas um calor...

O SR. PACIFICO (colérico, avançando)  
Não me faltes ao respeito,  
Que levas já um banana!  
A' trolha vai tudo a eito,  
Que eu não sou nenhum abano!  
(sentando-se à mesa)

Quero já p'ra aqui a sopa,  
Sem demora!  
INOCÊNCIA (ameaçando)  
O que tu queres  
E' que te ajustem a roupa  
Ao corpo... para aqueceres!...

D. BERNARDA (entrando com o fragor de um ciclone)  
Que raio de chinfrineira!  
Isto parece uma tasca!...

INOCÊNCIA (apontando o pai)  
Foi el', com a bebedeira,  
Que arranjou esta borrasca...

O SR. PACIFICO (erguendo-se, rubro)  
Isto é de mais! Não tolero  
Que façam pouco de mim!  
O jantar, já, já, eu quero...

D. BERNARDA (interrompendo, brandamente  
— prenúncio de tempestade)  
Mas tu hoje estás assim?  
Não te conheço, anjo meu...

O SR. PACIFICO (metendo os dedos nas cavas  
do colete)

Exacto! Nem eu também!  
Quem aqui manda sou eu!...  
Apenas eu... mais ninguém!...

INOCÊNCIA (encorajando a mãe... o que  
não era necessário)

Mas como el' 'stá retilão!...  
Terá comido ao almoço  
Os fígados de algum leão?...

D. BERNARDA (irônica)  
Tu hoje estás um colosso  
(desencadeando a tempestade, que não estava presa  
a cadeado)

Mas vais já virar a fôlha  
E suplicar-me perdão,  
Antes que vá uma trolha!...

O SR. PACIFICO (resistindo)  
Humilhar-me?... Isso é que não!  
Sou eu o dono da casa,  
Quero ser obedecido,  
Se não vai já uma rasa!...

INOCÊNCIA  
Mas como el' 'stá divertido!

D. BERNARDA (furibunda)  
Pois então, p'ra começar  
Aí vai este convite...  
(atra-lhe com um prato à cabeça)

INOCÊNCIA (ao pai, batendo palmas)  
Começas bem o jantar!...

D. BERNARDA  
E' p'ra abrir o apetite...

O SR. PACIFICO (muito brando, limpando  
o sangue que lhe corre pela testa)  
Afinal, quebraste o prato,  
O desgraçado, que, em suma,  
Dêste leve desacato  
Não teve culpa nenhuma!

INOCÊNCIA (agressiva)  
Quem te manda armar em teso,  
Se não passas dum poltrão?

D. BERNARDA (cuspidando para o lado)  
Eu até tenho desprezo  
De ser mulher dêste lar,  
Maldito!... E' p'ra castigar  
O seu grande atrevimento,  
Hoje fica sem jantar!...

O SR. PACIFICO (implorando)  
Mas... oh filhinha, eu lamento...

D. BERNARDA (atirando-lhe com a azeiteira)  
Cale-se já, seu tratante!  
Temos de mais conversado...  
(no auge da fúria, puxa pela toalha, ferrando com  
toda a louça no chão)

Proíbo que se levante  
D'aí onde está sentado!  
(à filha)

E tu, minha filha amada,  
Que és o anjo dêste lar,  
Deves 'star extenuada...  
Vem... vamos ambas jantar.  
(saem, fechando a porta à chave)

O PANO CAI COM UMA APOPLEXIA

BISNAU.

### CARTAZ DE HOJE

Sá da Bandeira: A revista em 2 actos Mexilhão.

Palácio de Cristal: Estreia da Companhia de Circo.

Rivoli: A hilariante produção O Rei do Beijo.

Olimpia: O grande êxito do ecran, Espada Errante.

Trindade: O emocionante super-filme Mandragora.

Batalha: Dois grandes filmes, A melodia do Amor e Um ás do Volante.

# CONCURSO DO NATAL E ANO BOM

## JOGO DO QUINO

### 1.ª SEMANA

Ora aqui teem V. Ex.<sup>as</sup> o cartão do quino

		27		44	51	69		85
1	19		34	49		60		
6	16	24			54		76	

Nome.....  
Morada..... Pontos.....  
(Recortar por aqui)

Como vêem, estão aí **15** números. O concorrente tem direito a marcar **4** destes **15** números, para ver se acerta nos **3** que saem do saco semanalmente.

Depois de os marcar de qualquer forma no cartão, recorta-o e envia-o para a nossa administração até à quarta-feira seguinte, assim como o cupão apenso, devidamente preenchido.

No nosso próximo número diremos os números saídos, de acôrdo com o envelope lacrado que está em exposição nas montras da Agência de Publicações, à Praça da Liberdade, e por êles poderá o concorrente ver, no final, se estão certos os pontos que lhe são atribuídos.

A relação dos pontos correspondentes a cada concorrente só será dada no primeiro número depois de terminado o concurso.

## VAMOS AO QUINO, MEUS SENHORES

*São mais de 6.000 escudos de valor,  
num total de mais de 200 prémios*

**VER O PLANO DO CONCURSO NA NOSSA SEGUNDA PAGINA**